

Escola & Professor

João Pessoa de
Albuquerque *

Não se trata de uma sociedade formal como o sinal gráfico do título poderia sugerir, mas que se trata de uma sociedade institucional, disso não pode haver qualquer dúvida.

Quer queiramos, quer não, somos "sócios" nos nossos destinos. Se preferirem uma imagem biológica, então somos irmãos siameses.

Trata-se de um exemplo típico de simbiose em que, como na ciência, um vive em função do outro.

Somos face de uma mesma moeda.

A situação da Escola x Professor não pode ocorrer nunca, pela simples razão de não poder existir escola sem professor e de não poder haver professor sem escola.

Partindo-se dessa interação vital, ambos, no mínimo por instinto de sobrevivência, têm de resistir a qualquer tentativa de dissociação.

Quem assumir postura de confronto é porque tem vocação suicida.

Não obstante, ocorrem, com frequência, movimentos sindicais de hostilidade à escola particular e que, via de regra, costumam ser agressivos, ofensivos e, até mesmo, detratadores.

O professor de piquete torna-se irrecorrível, parecendo refletir a famosa dupla

personalidade de *O médico e o Monstro*. Transforma-se. O cientista vira Hulk, a régua vira espada e o bastão de giz vira porrete...

Os diretores, por sua vez, resistem, argumentando que as famílias não suportariam o repasse necessário ao atendimento das justas reivindicações do magistério.

Discordo.

As famílias não querem é greve. As famílias não querem é evasão de professores. As famílias não querem é que seus filhos recebam ensino de baixa qualidade. As famílias não querem é o rebaixamento da escola particular ao nível da escola pública. As famílias não querem é que os alunos percam o ano. As famílias não querem é o repasse ilegal. Mas se os repasses para as mensalidades escolares são legais e se eles se destinam à preservação da dignidade do profissional que vai formar seus filhos e vai garantir a estabilidade da vida escolar, a família termina por fazer o sacrifício porque sabe que não há investimento com maior retorno do que aquele que se faz na formação de um filho.

Quanto mais não fosse, sem formação, esse filho, no futuro, nem arrimo de família poderia ser... Vê-se, pois, que até mesmo por essa ótica pragmática de subsistência familiar, o investimento vale como nenhum outro.

Mas, se o problema é de estratégia, os professores precisam, então, é conquistar

os pais para sua causa, tornando-os receptivos às suas legítimas pretensões salariais e não hostilizar as escolas que são meras repassadoras dos recursos que recebem das famílias. Na verdade, o lógico mesmo seria o Sindicato dos Professores negociar os reajustes salariais, não com o Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino, mas com a APAERJ (Ass. de Pais e Responsáveis do Estado do Rio de Janeiro), que representa aquele que, no final, vai pagar a conta: o pai.

O Sindicato dos Professores, por isso mesmo, comete, a meu ver, um grande erro tático ao fazer dos colégios o seu alvo "bélico". Aliás, os professores — exatamente por serem educadores — não devem ter alvo bélico algum, eis que eles, mais do que ninguém, têm a obrigação de saber — e espalhar — que a pior invenção do homem foi a guerra. E, certamente, não foi um professor quem a inventou...

Assim, se nem por atavismo os mestres têm tradição de guerra..., por profissão tão pouco devem cultivá-la. Porém, espicaçados por suas lideranças — algumas um tanto afoitas — terminam por querer bancar os "samurais", investindo contra a escola que, se destruída, representaria, no final, a destruição do próprio magistério.

* Presidente do Conselho Empresarial de Educação da Associação Comercial e diretor do Colégio Anglo-Americano